

MISOGINIA, REDPILL E RELAÇÕES DE GÊNERO: uma intervenção didática no ensino médio através do PIBID

DANTAS, Ana Beatriz Avelino ¹
ARAGÃO, Patrícia Cristina ²
MOÇO, Elisângela Cabral³

RESUMO: Esta produção analisa o impacto do movimento Red Pill e da misoginia nas relações de gênero contemporâneas, com foco no papel do ensino de História na desconstrução de discursos de ódio. O objetivo central é relatar uma intervenção pedagógica que visa fomentar o pensamento crítico e a desnaturalização da dominação masculina entre jovens do ensino médio. O trabalho foi construído através de pesquisa qualitativa aplicada, realizada através de uma oficina didática vinculada ao PIBID em uma escola pública na Paraíba. Utilizaram-se como instrumentos a observação participante, aulas dialogadas e uma atividade de pesquisa orientada sobre conceitos como machosfera e masculinidade tóxica. Observamos que, apesar da vivência cotidiana com o machismo, as estudantes apresentavam lacunas conceituais sobre as novas estratégias de radicalização online. Analisamos que a intervenção permitiu às alunas identificarem táticas de neutralização moral e discursos misóginos que buscam legitimar a violência contra a mulher. Verificamos que a abordagem histórica foi fundamental para evidenciar que o patriarcado é uma construção social mutável e não um imperativo biológico. Os resultados demonstram que a escola é um espaço de resistência essencial em contextos conservadores, sendo capaz de instrumentalizar os jovens para o combate às estruturas de dominação. A integração de temas atuais ao currículo de História aponta caminhos para a formação de uma consciência democrática e para a prevenção de violências reais oriundas de discursos virtuais.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; História; PIBID; Intervenção pedagógica; Ensino Médio.

1 INTRODUÇÃO

A violência contra as mulheres pauta as relações de gênero na sociedade desde os primórdios. Contudo, ao longo das épocas, esse tipo de violência sofreu transformações e reestruturações, mantendo-se presente no corpo social de cada época. No século XXI, além das violências contra as mulheres listadas na Lei Maria da Penha, o discurso misógeno tem ganhado um espaço exacerbado em todos os

¹ Graduando em Licenciatura plena em História, Bolsista do Programa Institucional de Iniciação a Docência, pela Universidade Estadual da Paraíba, *Campus* Campina Grande, email: ana.beatriz.dantas@aluno.uepb.edu.br

² Doutora pelo Curso de História da Universidade Federal de Campina-Grande – UFCG. Coordenadora do subprojeto história do PIBID da UEPB. Professora do departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba. email: patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br

³ Graduada no Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB e Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Servidora Efetiva do Estado da Paraíba. Supervisora do PIBID – Campina-Grande - bolsista pela CAPES. Professora efetiva no estado da Paraíba. Bolsista. elisangelacabralmoco@gmail.com.br.



âmbitos da sociedade. Transformando-se em movimentos masculinistas que buscam atacar as mulheres em prol da manutenção do poder masculino.

Um desses movimentos é o Red Pill, que surge nas redes sociais utilizando discursos machistas e misóginos, disfarçados de empoderamento masculino para propagar sua ideologia e incentivar a submissão feminina. De maneira natural e pouco questionada no início, esses pensamentos passam a ser compartilhados e repetidos por uma grande comunidade online que é composta majoritariamente por homens jovens e adultos, mas tendo até mesmo mulheres reafirmando esse tipo de conduta. Apesar de ter surgido como uma manifestação virtual, o Red Pill se transformou em uma filosofia de vida para os participantes do movimento, saindo do âmbito virtual e passando a embasar as atitudes dos homens no meio social.

Uma ilustração emblemática da materialização offline de discursos disseminados pela ideologia Red Pill foi o caso criminal de estupro coletivo que ocorreu em março do presente ano no estado do Rio de Janeiro, Brasil. Quando uma adolescente de 17 anos foi vítima de uma emboscada planejada, envolvendo agressão sexual coletiva, humilhação e violência física por parte de um grupo de jovens. Ao se apresentar à delegacia, um dos jovens envolvidos vestia uma camiseta com a frase em inglês “Regret Nothing” (“Não se arrependa de nada”), expressão popularizada por Andrew Tate — um dos principais expoentes do movimento redpill — e frequentemente empregada como mantra de masculinidade hegemônica que rejeita qualquer sentimento de culpa ou remorso diante de condutas sexualmente dominadoras.

Essa simbologia não configura mera coincidência estética, mas sinaliza a possível internalização de repertórios cognitivos e técnicas de neutralização moral propagados em comunidades online como essa, que reinterpretam a psicologia de maneira pseudocientífica para naturalizar a dominação masculina, desumanizar as mulheres e minimizar a gravidade da violência sexual.

Por meio desse exemplo, é possível notar como essa filosofia tem ditado relações de gênero entre os jovens na atualidade. Portanto, ignorar a ascensão de ideologias como a Red Pill dentro das salas de aula é permitir que o radicalismo online dite as regras da convivência fora da internet. Assim, a educação deve servir como instrumento de transformação social, fazendo com que o espaço acadêmico se torne um laboratório de cidadania onde o “não se arrependa de nada” seja substituído pela consciência plena das consequências de nossos atos e pelo



compromisso inegociável com a dignidade da vida feminina. Somente através de uma pedagogia crítica e atenta às dinâmicas contemporâneas será possível romper a engrenagem que transforma discursos virtuais em tragédias reais.

Dessa forma, o objetivo dessa produção acadêmica é trazer um relato de experiência desenvolvido no âmbito do PIBID – subprojeto História da Universidade Estadual da Paraíba (Campus I), em uma escola pública de Campina Grande-PB. Na qual, foi desenvolvida uma atividade de pesquisa, exposição e debate oral a respeito da misoginia, movimento Red Pill e a evolução histórica das relações de gênero. Mostrando o papel do ensino de história em transformar as questões sociais em objetos de estudo crítico demonstrando que as relações de gênero são construções sociais datadas, mutáveis e passíveis de transformação.

2 METODOLOGIA

Esse resumo expandido foi produzido por meio de uma pesquisa qualitativa aplicada, tendo caráter de relato de experiência pedagógica desenvolvida através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto História da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. A intervenção foi realizada junto ao 2º ano do ensino médio de uma escola pública estadual localizada em Campina Grande-PB, no primeiro semestre de 2026, durante uma oficina didática em alusão ao Dia Internacional da Mulher.

Como instrumentos de coleta e análise de dados foram utilizados o material didático produzido para a segunda parte da oficina didática, intitulado “Violência Contra a Mulher na América Latina”. A qual foi constituída por uma atividade de pesquisa feita pelos alunos, que deveriam responder às seguintes questões: O que é machismo?; O que é misoginia?; o que é o movimento Red Pill?; O que é feminicídio?; Quais as consequências do movimento Red Pill?; Como o movimento Red Pill estimula a masculinidade tóxica?; O que é a machosfera?; Traga dois influenciadores do movimento Red Pill e explique por que o movimento deve ser criminalizado.

Com os resultados da atividade de pesquisa foi realizada uma roda de discussão sobre as temáticas apresentadas acima, de forma a utilizar uma metodologia de ensino alternativa ao abordar uma temática atual, trazendo os



alunos para o centro do processo de aprendizagem e trabalhando o pensamento crítico através dos apontamentos trazidos por eles, além do planejamento e a aplicação de aula dialogada; e a observação participante das discussões em sala de aula.

A análise dos dados ocorreu por meio da reflexão crítica sobre a prática docente, confrontando as falas e reações dos estudantes com os referenciais teóricos que trabalham as relações de poder e as construções sociais de gênero. Através da perspectiva histórica, foi possível desnaturalizar a subordinação feminina, evidenciando que o patriarcado é uma estrutura de dominação historicamente situada e legitimada por instituições ao longo dos séculos. No cenário contemporâneo, a análise focou na "machosfera", compreendida como um ecossistema digital onde o movimento Red Pill atua para reforçar a masculinidade hegemônica e a misoginia sob o disfarce de "autodesenvolvimento masculino".

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação da oficina didática revelou um cenário complexo no qual a escola se coloca como um território de disputa entre o discurso conservador hegemônico, comum em periferias urbanas, e a urgência da emancipação feminina. Inicialmente, observou-se que, embora as estudantes do 2º ano convivessem diariamente com manifestações de machismo estrutural, havia uma lacuna conceitual sobre as novas nomenclaturas da violência digital, como "misoginia" e "machosfera". Durante a pesquisa orientada e a atividade de levantamento de dados, as alunas identificaram o movimento *Red Pill* não apenas como um grupo de internet, mas como uma tentativa deliberada de sistematizar a violência simbólica, percebendo que expressões como "Regret Nothing" funcionam como técnicas de neutralização moral para justificar o controle sobre os corpos femininos.

Nesse contexto, o currículo de História assume uma função política e social central. A intervenção demonstrou que a sala de aula não é um espaço neutro, mas um local de construção de identidades e resistência. Como bem pontua Larissa Costard (2017) ao discutir a necessidade de uma pedagogia atenta às relações de poder:

O currículo de História na educação básica [é] um texto, ou narrativa que sinaliza determinadas concepções de história e dos atores sociais representados, e que por isso reflete relações historicamente situadas de poder na construção dos saberes que envolvem o processo de ensino e aprendizagem, é possível iniciar o debate com a noção de que as narrativas e perspectivas construídas nas salas de aula constituem matéria-prima



fundamental para a formação das identidades sociais dos estudantes (COSTARD, 2017, p. 159).

A partir dessa premissa, a discussão em sala de aula permitiu que as estudantes confrontassem a narrativa histórica tradicional com a realidade presente. Em um bairro periférico, a imposição de padrões de comportamento e a submissão feminina são frequentemente reforçadas por discursos conservadores que tentam "naturalizar" as hierarquias.

O ensino de História, conforme propõe Façanha (2018), atuou como uma ferramenta de "desnaturalização", permitindo que as alunas compreendessem que o patriarcado é uma construção histórica e, portanto, pode ser contestado e transformado. Ao discutir a "machosfera", foi possível trabalhar o letramento midiático crítico; as alunas perceberam como algoritmos reforçam bolhas de ódio (QUADRADO; FERREIRA, 2020 apud SANTOS, 2025), transformando inseguranças masculinas em agressividade direcionada.

A discussão evidenciou o impacto da "colonialidade do gênero" (LUGONES, 2014 apud COSTARD, 2017). Ao debaterem a origem da misoginia, as estudantes perceberam que a submissão feminina não é um imperativo biológico, mas um projeto histórico de dominação. Essa percepção é crucial para combater a "colonialidade do gênero", que impõe papéis rígidos de subalternidade, especialmente a mulheres em contextos de vulnerabilidade social. A análise do fenômeno em conjunto com os dados de feminicídio permitiu que a turma visualizasse a perigosa progressão: o que começa como um "meme" ou um conselho de influenciador na machosfera pode materializar-se em crimes hediondos, legitimados por um sentimento de superioridade e ausência de remorso.

Outro ponto de destaque nas discussões foi o impacto dos algoritmos na radicalização dos jovens. Santos (2025) aponta que a propagação da misoginia em mídias digitais reforça a masculinidade tóxica e ameaça direitos conquistados. As alunas notaram que o conteúdo *Red Pill* chega aos seus colegas de forma sedutora, disfarçado de "autoajuda masculina", mas que, na prática, produz uma desumanização sistemática das mulheres. Segundo Candau (2011), o cotidiano escolar é atravessado por diferenças e tensões; ao trazer a misoginia para o centro do debate, a intervenção rompeu com o silenciamento e a homogeneização, reconhecendo a urgência de uma pedagogia que valorize a alteridade. A escola,



portanto, ao pautar a criminalização desses movimentos e a aplicação da Lei Maria da Penha, atua como um agente de proteção social e de letramento midiático crítico.

A observação participante revelou que, em uma turma majoritariamente feminina, a resistência ao discurso conservador é vibrante, mas necessita de suporte teórico para se consolidar. Ao final, a reflexão crítica sobre a prática docente no PIBID evidenciou que o ensino de História deve ser capaz de digerir as tensões do presente para produzir novos sentidos de liberdade. A experiência reafirmou que o diálogo sobre misoginia e movimentos masculinistas na escola não é apenas um tema acadêmico, mas um exercício de sobrevivência. Através da História, os estudantes puderam ver que, se a dominação foi construída socialmente, a igualdade também pode ser, fortalecendo a convicção de que o conhecimento crítico é o único caminho para romper o ciclo de violência e o silenciamento imposto pelas estruturas conservadoras da atualidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas durante a oficina pedagógica permitiram o cumprimento dos objetivos inicialmente estabelecidos, uma vez que a intervenção conseguiu transformar uma temática emergente e complexa, como o movimento *Red Pill*, em objeto de análise histórica e social. A vivência demonstrou que a escola, mesmo inserida em contextos de forte influência conservadora e vulnerabilidade social, possui fôlego para atuar como um espaço de desconstrução de discursos de ódio. O confronto entre o planejamento docente e a realidade da sala de aula revelou que a "machosfera" já não é um fenômeno puramente virtual, mas uma força que molda subjetividades e comportamentos no cotidiano dos jovens.

A resposta da turma, confirmou a necessidade de incluir o debate sobre misoginia e novas masculinidades no currículo de História. Observou-se que a utilização de metodologias ativas e dialogadas foi o diferencial para que as estudantes passassem de espectadoras passivas a analistas críticas de suas próprias realidades digitais e presenciais. A identificação das "técnicas de neutralização" e do discurso misógino permitiu que a turma desenvolvesse um sistema de defesa intelectual contra a desumanização promovida por influenciadores radicalizados.



Portanto, conclui-se que o papel do bolsista do PIBID e do ensino de História na atualidade deve ultrapassar a mera transmissão de conteúdos sobre o passado, voltando-se para a compreensão das permanências e reestruturações da violência de gênero. A experiência reafirma que o letramento midiático e a educação para o respeito são as ferramentas mais eficazes para interromper a trajetória da violência contra a mulher, garantindo que a escola cumpra sua função social de formar cidadãos éticos e comprometidos com a equidade, capazes de reconhecer e rejeitar ideologias que atentem contra a dignidade humana.

5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) campus I. Sem a oportunidade que surgiu através do PIBID essa experiência e essa produção não seriam possíveis. Quero agradecer também a coordenadora do subprojeto história Patrícia Cristina e a supervisora do PIBID na escola Elisângela Cabral, pois sem elas essa reflexão crítica sobre a prática docente não seria possível. Assim como, também não seria possível levar uma discussão tão importante para a sala de aula.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Rodrigo Queiroz de; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. **Misoginia e violência de gênero: origem, fatores e cotidiano.** Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 144-161, jul./dez. 2019.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas.** Currículo sem Fronteiras , v. 11, n. 2, p. 240-255, jul./dez. 2011. Disponível em: . Acesso em: 25 mar. 2026.

COSTARD, Larissa. **Gênero, currículo e pedagogia decolonial: anotações para pensarmos as mulheres no ensino de História.** Fronteiras & Debates , Macapá, v. 4, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2017. DOI: 10.18468/fronteiras.2017v4n1. p159-175. Disponível em: < <https://periodicos.unifap.br/index.php/fronteiras> > . Acesso em: 25 mar. 2026.

FAÇANHA, Marlia Aguiar. **E se te contassem outra História: gênero e feminismo no ensino de História.** 2018. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

FIRMINO, Pedro Stefani. **Engolindo pílulas vermelhas: Influenciadores e discursos da Redpill brasileira.** [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 28 nov. 2024.

SANTOS, P. H. S. dos. **RED PILL E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES.** Revista Contemporânea, [S. l.], v. 5, n. 6, p. e8381, 2025. DOI: 10.56083/RCV5N6-058. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/8381>. Acesso em: 20 abr. 2026.

SILVA, Laura Beatriz Barbosa de Lima. **Histórias de práticas de violência de gênero em mídias digitais: misoginia e cybercrimes no blog Machismo Esclarecido (2010/2017).** 2024. 67 f. Monografia (Licenciatura em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2024.